

PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DE UMA ESCALA DE RESILIÊNCIA.  
Frankleudo Luan de Lima Silva, Thiago Francisco de Andrade, Rômulo Lustosa  
Pimenteira de Melo, Hermesson Daniel Medeiros da Silva (Universidade Estadual da  
Paraíba), Joilson Pereira da Silva (Universidade Federal de Sergipe)

Email: keuleudao@hotmail.com

Telefones: (83) 9114-4047/ (83) 9938-8686

O termo Resiliência, originalmente utilizado pela física, referia-se a determinadas capacidades dos materiais para absorver energia sem sofrer deformações permanentes. A resiliência, na psicologia, é entendida como o conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento saudável do indivíduo, mesmo este vivenciando experiências desfavoráveis. A complexidade do constructo envolve a interação entre eventos de vida adversos e fatores de proteção internos e externos ao indivíduo. Apesar do crescente interesse sobre o fenômeno da resiliência, poucos ainda são os estudos referentes ao tema, bem como os instrumentos disponíveis para a mensuração do construto. Dentre os raros instrumentos, encontra-se a Escala de Resiliência, criada por Wagnild e Young, que objetiva a medição de níveis de adaptação psicossocial positiva face a eventos de vida adversos. Tal instrumento foi validado para o português em 2005. O questionário possui 25 itens com escala de sete pontos (tipo Likert), variando de 1 (Discordo Totalmente) a 7 (Concordo Totalmente). Os itens dessa escala contemplam os seguintes aspectos: independência e determinação; resoluções de ações e valores; e capacidade de adaptação a situações. O objetivo desse estudo foi testar a validade fatorial e consistência interna da Escala de Resiliência numa amostra de 636 estudantes paraibanos, oriundos de escolas públicas e privadas de ensino médio. Os estudantes tinham idade média de 17,8 anos ( $dp=3,58$ ) e eram em sua maioria do sexo feminino (59,9%) e da rede privada de ensino (54,7%). Efetuou-se uma Análise Fatorial de Eixos Principais com rotação *oblimin*, em que surgiram, segundo o critério de Kaiser, 7 (sete) fatores que explicavam juntos 54,42% da variância nos dados. Por questões de parcimônia, solicitou-se, num segundo momento, a extração forçada de três fatores conforme a proposta original da versão brasileira do instrumento. Esses três fatores explicaram juntos 36,63% da variância na matriz de dados. O primeiro fator encontrado agrupou 13 itens com cargas fatoriais superiores a  $|0,3|$ , sendo 11 itens em conformidade com o primeiro fator da proposta original do instrumento. O segundo e terceiro fatores agruparam 2 e 3 itens respectivamente, apresentando estruturas bastante diferentes da proposta original. No geral, observou-se a migração de diversos itens entre os fatores, além da presença de 6 (seis) itens com cargas fatoriais inferiores a  $|0,3|$ , o que sugere uma fragilidade em termos de estrutura fatorial do instrumento. As análises de consistência interna apontam para um alfa de Cronbach total de 0,84 (para 19 itens), com índices de 0,85 para o primeiro fator, 0,37 para o segundo e 0,66 para o terceiro, sendo os dois últimos prejudicados em termos de consistência devido ao pequeno número de itens em cada agrupamento. Observa-se fragilidade do instrumento em termos de estrutura fatorial, dado o elevado número de fatores encontrados na fase exploratória (total de 7 fatores) e a fluidez dos agrupamentos em relação à proposta original. Ademais, observa-se baixa consistência interna de dois dos três fatores propostos, apesar da consistência global razoável (0,84). Considera-se adequada a revisão dos itens da escala e o redimensionamento de seus fatores com bases teóricas e empíricas.